

O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA-UFBA: UMA CONQUISTA HISTÓRICA

Physical Education course of Bahia federal university – UFBA: a historical conquest

El curso de Educación Física de la universidad federal de Bahía – UFBA: una conquista histórica

Roberto Gondim Pires*

Felipe Eduardo Ferreira Marta**

Resumo

Esse texto teve por objetivo fazer um balanço da influência sofrida e exercida pelo Curso de Educação Física da UFBA no processo de consolidação da formação profissional baiana. Como metodologia, trabalhamos com os aspectos teórico-metodológicos da História cultural, com foco na história oral, entrevistando pessoas envolvidas com a fundação do Curso. Os dados das fontes orais foram compreendidos como “versões do passado”, socialmente situadas, articuladas com o obtido em documentos e na literatura especializada. Como resultados, identificamos: preconceitos institucionais; mudança de mentalidade na lógica de formação profissional em Educação Física na Bahia; e a participação estudantil proativa em implementações acadêmicas.

PALAVRAS-CHAVE: História. Educação Física. Bahia.

Abstract

This text aims at evaluating the suffered and exercised influence by UFBA Physical Education Course in the consolidation process of Bahia professional education. As methodology, we worked with theoretical and methodological aspects of cultural History, focusing on oral story, interviewing people involved with the Course foundation. Data from oral sources were understood as “versions of the past”, socially located, articulated with the data obtained from documents and in specialized literature. As results, we identified: institutional prejudice; changes in mentality on the professional education logic in Physical Education in Bahia; and the proactive student participation in academic implementation.

KEYWORDS: History. Physical Education. Bahia.

Resumen

Ese texto objetiva hacer un balance de la influencia sufrida y ejercida por el Curso de Educación Física de UFBA en el proceso de consolidación de la formación profesional bahiana. Como metodología, trabajamos con aspectos teóricos-metodológicos de

* Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: godim@uesb.br

** Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), atuando na graduação e na pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Doutor e Mestre em História Social pela PUC/SP. Graduado em Educação Física pela UNESP. E-mail: fefmarta@gmail.com

Historia cultural, con foco en la historia oral, entrevistando personas involucradas en la fundación del Curso. Los datos de las fuentes orales fueron comprendidos como “versiones del pasado”, socialmente situadas, articuladas con el obtenido en documentos y en la literatura especializada. Como resultados, identificamos: prejuicios institucionales; cambios de mentalidad en la lógica de formación profesional en Educación Física en Bahía; y la participación estudiantil proactiva en implementaciones académicas.

PALABRAS CLAVE: Historia. Educación Física. Bahía.

INTRODUÇÃO¹²

No Brasil a formação acadêmica civil em nível superior da Educação Física (EF) iniciou-se em 1939, quando foi criada a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD)³, vinculada a Universidade do Brasil (UB)⁴. Sua base legal foi o Decreto Lei 1.212 de 17 de abril de 1939 (MELO E ROCHA JUNIOR, 2004). Pelo decreto, a ENEFD teria como funções: formar profissionais de EF; imprimir unidade teórico-prática no ensino; difundir conhecimentos da área e realizar pesquisa, além de capacitar quadros de todo o país, para que estes, ao retornarem aos seus estados de origem dinamizassem a área pelo Brasil e contribuíssem na criação de outros cursos (PIRES, ROCHA JUNIOR e MARTA, 2014).

Com a criação de novos cursos em instituições públicas ou privadas, a EF ampliou seus espaços de formação acadêmica. Por isso, analisar a trajetória de constituição, instalação e funcionamento de diferentes cursos, nos permite compreender a conformação da área no país (VILELA e ROCHA JUNIOR, 2006).

O Estado da Bahia é um dos principais Estados do Brasil em vários segmentos, inclusive no pioneirismo na Educação Superior Nacional. Entretanto, no que se refere à consolidação de cursos de formação em Educação Física, teve um histórico muito confuso e pouco inteligível. Destacamos que, em que pese a sua influência nos aspectos econômicos e culturais nacionais, a Bahia foi um dos últimos Estados da Federação que assistiu ao surgimento de um Curso Superior de Educação Física (1973), curso esse que curiosamente foi implementado em uma Instituição privada, Universidade Católica do Salvador (UCSAL), mas, e daí o fato curioso, financiado com recursos públicos.

Durante muito tempo o Curso da UCSAL foi o único do Estado. Até 1973, os baianos que buscavam cursar Educação Física eram obrigados a sair de suas terras, indo na maioria das vezes para o Rio de Janeiro, para a ENEFD. (Pires et Al., 2013)

A delimitação de nosso interesse pelo Curso da UFBA se deu pelo fato deste ter sido o primeiro Curso público no Estado. Assim, após quinze anos da criação do Curso da UCSAL, o Estado conseguiu conquistar um curso público superior em Educação Física, o Curso da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1988, que, a nosso juízo, nasceu apontando para um modelo diferenciado de formação, talvez influenciado pela unidade de sua instalação, Faculdade de Educação da UFBA, e não em um Instituto de Saúde, ou Escola isolada. Nesse sentido, acreditamos que o convívio com outras áreas de conhecimento (pedagogia/ciências) possibilitou um alargamento na perspectiva de formação profissional em Educação Física no Estado da Bahia, procurando romper com

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² Não houve conflitos de interesses para realização do presente estudo.

³ A partir da reforma universitária de 1968, a ENEFD deixa de ser escola padrão e se torna a ainda hoje existente Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁴ Na atualidade é a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

paradigmas hegemonicamente conservadores, fincados na Educação Física baiana até então.

Assim, o presente estudo buscou perceber as rupturas e continuidades nos discursos e na prática no tocante a Formação Profissional em Educação Física na Bahia, bem como procurou analisar os acontecimentos que marcaram uma época e/ou contribuíram para que outros acontecimentos representativos ocorressem posteriormente.

Em suma, o que se pretendeu foi analisar, à luz das fontes documentais disponíveis e de depoimentos de professores, dirigentes de Cursos e dirigentes institucionais: os avanços e os ranços no processo de formação em Educação Física na Bahia, tendo como foco principal o Curso da UFBA e o seu papel como protagonista nesse processo de mudanças.

Estudos realizados anteriormente de alguma forma revelaram a forte influência sofrida pela primeira Escola de Educação Física da Bahia, a da UCSAL, pela ENEFD, uma escola que não obstante o local de sua implantação nasceu sob a influência de um ambiente militar. Essa Escola (ENEFD) desempenhou um determinante papel na formação profissional da Educação Física brasileira, sendo a época considerada como Escola Padrão da Educação Física Nacional. A ENEFD interferia diretamente em seus alunos, muitos dos quais na qualidade de bolsistas, retornaram aos seus Estados, ministrando o conhecimento adquirido e/ou auxiliando na organização da Educação Física local. (PIRES, ROCHA JUNIOR e MARTA, no prelo).

Dessa maneira, esperamos que este estudo possa ampliar o espectro de compreensão acerca dos interesses, motivos, e âmbitos determinantes das mudanças de eixo na Formação profissional em Educação Física na Bahia. Dito de outra maneira, enfrentamos o desafio de reconstruir uma das possíveis histórias da Educação Física baiana, pois entendemos que para a melhor compreensão de nosso momento atual se faz mister o estudo e a compreensão da sua gênese, a busca de nossas raízes. Assim, investigar o percurso entre a motivação para a criação, até sua instalação e funcionamento é em si algo que faz valer este estudo, permitindo a identificação em seu desenvolvimento de “evidências que permitissem (re)discutir alguns momentos da trajetória da educação física brasileira” (MELO, 1996, p.1).

Neste texto trabalhamos com os aspectos teórico-metodológicos da História cultural, com foco na história oral. Usamos como fontes, os documentos oficiais, a literatura já produzida sobre o tema, além de estudos correlatos que tratam de outras Instituições brasileiras. Utilizamos a entrevista não estruturada, realizada com alguns personagens da construção do curso e que por ele passaram como dirigentes e/ou professores. Assim, nosso critério de seleção dos informantes⁵ foi a participação direta desses na criação do referido curso, fundamentalmente dirigentes da Faculdade de Educação da UFBA e professores que atuaram no referido Curso.

Registre-se que são particularmente agudos os obstáculos apresentados ao historiador interessado nesse passado acadêmico. Se a manutenção de importantes arquivos brasileiros é precaríssima, pode-se deduzir a natureza de dificuldades colocadas para o estudo histórico em uma localidade onde esta preocupação ainda não é central. Ferraro (1991) apresenta um balanço da condição de arquivos e documentos relacionados à Educação Física na Bahia:

a pobreza de documentos que comprovam os acontecimentos da educação física e do desporto em nosso Estado [...]. Até mesmo o arquivo inativo que

⁵ Todos os respondentes consentiram com uso das informações obtidas nas entrevistas na produção deste texto.

existia na antiga superintendência de educação física e nas repartições subseqüentes - como o Departamento de Educação Física e a Divisão de Educação Física- teve sua documentação destruída ou extraviada no período em que se instalou no Estádio Otávio Mangabeira. Do exposto, conclui-se que as décadas de 40 a 80 são absolutamente carentes de documentos que atestam os fatos desses períodos, com exceção de informes obtidos nos arquivos de jornais (p.13).

Nesse sentido, acreditamos que no nosso contexto, a história oral nos abre uma grande possibilidade, a de sistematizar uma possível história da Educação Física na Bahia. A história oral temática, proposta metodológica do presente estudo pode ajudar-nos na busca “da 'verdade' de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma versão” (MEIHY, 1996, p.41), pois, ela nos oferece interpretações do processo histórico analisado. Por isso, o uso da história oral nos permite centrar atenção nas interpretações “que aqueles que participaram de, ou testemunharam, tal trajetória podem fornecer sobre o assunto. Isso pressupõe que o estudo de tais versões seja relevante para o objeto da pesquisa” (ALBERTI, 2004, p.30).

Nesse sentido, torna-se necessário reconhecer os limites dessas “versões do passado”, bem como da interferência do momento vivido pelo depoente no presente ao rememorar fatos referentes a um momento de sua vida, por vezes muito distante. Os relatos orais são um documento do presente e por conta disso são aceitáveis... (PORTELLI, 1997).

Dessa maneira, menos do que fazer emergir uma realidade factual, a memória contida nesses relatos nos trazem como valor a subjetividade própria de uma construção de significados em torno dos fatos a que se referem. Vale destacar que as fontes orais mostraram-se fundamentais nesta pesquisa como forma de complementação dos dados, por conta da dificuldade de obtenção de outras fontes documentais. Acreditamos que a possibilidade de ouvir indivíduos que até então não tiveram sua compreensão apreendida, nos proporcionou novas representações que por certo abriram outras possibilidades de interpretação do objeto deste estudo. Enfim, consideramos que as fontes orais não só são interessantes, como também imprescindíveis na tentativa de possibilitar uma original investigação da história da Educação Física baiana, ainda pouco discutida e com escassa documentação.

Como organização do texto, optamos por apresentar a seguinte sequência: as articulações internas para criação do Curso na UFBA; os desencontros pedagógicos na consolidação do Curso; as conquistas históricas e considerações finais. Assim, entendemos ser possível apresentar e discutir o tema em estudo e por fim, apresentar nossas posições e considerações do assunto.

Da história contada ao início da história

Podemos mesmo supor que o Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UFBA, teve seu embrião no Colégio de Aplicação Reitor Miguel Calmon, onde figurava como professor por mais de uma década, Alcyr Naidiro Fraga Ferraro. Para a professora Iracy Picanso, que era assessora da reitoria da UFBA à época, o Colégio de Aplicação tinha uma função estratégica na Instituição, na medida em que fazia a mediação com os Cursos de graduação, sobretudo as licenciaturas. Todavia, a Reforma Universitária, determinou a extinção dos colégios de aplicação mantidos pelas Universidades Federais. É bem verdade que muitas Universidades conseguiram a partir de muitas resistências a sua permanência, mas lamentavelmente na UFBA o movimento

foi diametralmente oposto, como relata Picanso (2006) “com certeza havia um pensamento entre outras pessoas que tinham certa presença junto ao reitorado da época que era para acabar e acabou o Colégio de Aplicação da UFBA” (depoimento, 2006).

Dessa forma em 1975, o Colégio de Aplicação foi desativado da estrutura organizacional da UFBA, e o núcleo de professores que eram da Universidade servindo ao colégio de aplicação, foi absorvido pelos seus respectivos departamentos a partir da correspondência dos seus cursos. Como ainda não existia curso de Educação Física na UFBA, os professores dessa disciplina tiveram outro destino, qual seja; a Superintendência Estudantil.

Em 1977, com a necessidade de implantação da prática desportiva sistematizada para todos os Cursos que pertencessem a Universidade, a fim de cumprir o que determinava o decreto Lei 69.450 de 01 de novembro de 1971, tratava-se da reforma universitária, cujo prazo de execução (6 anos) estava para se esgotar, surge assim, uma atribuição específica para os professores de Educação Física vinculados a Superintendência Estudantil.

O entendimento de Picanso (2006) é que na verdade a Educação Física na UFBA surge por força da reforma Universitária do Governo Militar, e argumenta sobre os propósitos de tal inserção: “...aí entra o Conselho Federal, de que era preciso ocupar os meninos e meninas para que eles deixassem de agir politicamente” (depoimento, 2006).

Ao tempo em que foram aprovadas as normas para as práticas desportivas na UFBA em 16 de agosto de 1977, pela Câmara de Ensino de Graduação, foi criado também o Departamento de Educação Física da UFBA, situado inicialmente na Superintendência estudantil. Segundo Picanso (2006) o Departamento de Educação Física surge na Superintendência estudantil, porque “a Universidade não concebia a Educação Física como uma área de atuação, um campo como a química, a física, a biologia, e sim uma atividade...” (depoimento, 2006)

Outra questão que pode ter motivado a instalação do Departamento de Educação Física na Superintendência Estudantil e não como um departamento no sentido clássico do que propunha a reforma universitária, foi o princípio acadêmico de estruturação dos departamentos, ou seja, a necessidade de estabelecer um elo entre ensino, pesquisa e extensão. Como não havia, se quer projeto de criação de curso de Educação Física na UFBA e como o alvo era atingir a grande massa de estudantes, certamente a Superintendência estudantil daria a visibilidade requerida para os intentos propostos.

Nesse sentido a partir de 1978, todos os Cursos de graduação da UFBA passavam a compor em seus currículos as atividades de Educação Física, de acordo com as normas ratificadas pelo Conselho de Coordenação, quais sejam: a obrigação do aluno cumprir pelo menos três semestres consecutivos ou não, correspondendo a 90 horas curriculares. Cabia ao recém-criado Departamento de Educação Física, difundir, incentivar, planejar, orientar e executar as atividades curriculares e extracurriculares para todos os membros do corpo discente, docente e funcionários.

Segundo (Ferraro, 1991) a demanda por atividades aumentavam e a Universidade precisou contratar professores colaboradores para o atendimento das mesmas. Nesse sentido, por indicação do Chefe do Departamento de Educação Física, Alcyr Ferraro, foram contratados os seguintes professores: Hélio José Bastos Carneiro de Campos, Dival de Fonseca Albergaria, Neusa Tavares de Luna, Agnaldo Germano da Silva, Milton Gesteira Diniz, Sérgio Figueiredo e, posteriormente, José Ney do Nascimento Santos, Orlando José Hage de Santana, Cacilda Silva Souza e Carlos Roberto Colavoque, tendo a reitoria indicado e contratado Euricles Miguel Filho.

Importante acentuar que a Universidade vivia um momento de grande expansão, e exatamente neste contexto cria-se a figura do professor colaborador, algo que deveria

ser transitório, mas que acabou não sendo, como afirma Picanso (2006): “De repente, o Ministério da Educação por questões de acompanhamento orçamentário, do programa que credenciou, impõe a Universidade não ter professores colaboradores em órgãos executivos. (...)”. É importante destacar também que a maioria desses professores que foram contratados pela UFBA como professores colaboradores, portanto, sem nenhum tipo de seleção ou concurso, passaram posteriormente a fazer parte do quadro efetivo de docentes da Universidade, e muitos deles foram aproveitados posteriormente para o curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Federal da Bahia.

Ferraro (1991) afirma que a condição de provisoriedade do Departamento de Educação Física na Superintendência Estudantil da UFBA dificultava o atendimento das demandas que surgiam na Universidade: torneios, festivais, dentre outras atividades, algo que aos poucos fez com que pudesse ganhar corpo uma discussão em torno da possibilidade de sua instalação em uma unidade de ensino. Nesta direção é possível supor que antes da procura pela Faculdade de Educação da UFBA, unidade em que o Curso realmente foi instalado, outras unidades de ensino foram visitadas como relata a professora Iracy Picanso:

Quando chega a discussão da Educação Física se diz aonde? No Instituto de Saúde Coletiva, até porque era o único Instituto que não tinha um curso na UFBA ele era só base para Medicina, então pra lá... quando a discussão chega aqui eles não aceitam. Quer dizer, não querem, não querem, já vai mudando de Reitorado, nós já estamos chegando com essa discussão no Reitorado de Germano Tabacoff (Depoimento, 2006).

A professora Jandira Simões, a época diretora da Faculdade de Educação da UFBA, em seu depoimento destaca que nenhuma unidade de ensino estava querendo assumir o Departamento de Educação Física e destaca:

(...) você sabe que há um certo preconceito da academia em relação a Educação Física. Então, nós analisamos e achamos que se agente estava defendendo uma educação integral como é que se deixa o corpo de lado? Não podia! Era tipicamente uma área da Faculdade de Educação, então conversamos com Alcir, manifestamos a nossa vontade de acolher o Departamento de Educação Física e eles também estavam soltos porque estavam na superintendência estudantil, sem estar localizado em nenhuma unidade acadêmica e eles foram para lá (Depoimento, 2006).

A perspectiva de abrir um departamento de Educação Física na Faculdade de Educação da UFBA gerou toda uma expectativa, mas também um desconforto e porque não dizer resistências. A professora Dilza Ata, vice-diretora à época da Faculdade de Educação relata:

(...) Essa resistência se sentia, se sentia bastante. Depois, eu me lembro, e inclusive é uma coisa simbólica, eu me lembro da chegada do pessoal e deles ficarem num espaço pequeno, miudinho, é simbólico, mas tem essa linha também, esse significado. Depois eles foram se organizando e aí um coisa que me parece que foi importante é que alguns daqueles professores começaram a fazer mestrado; é como se de repente eles comessem a ser respeitados academicamente (Depoimento, 2006)

Já Picanso (2006) afirma que no primeiro momento a Faculdade de Educação fica perplexa, pois não assimilava a ideia de dividir seu espaço com uma área, que a

juízo deles não tinha teoria pedagógica, mas em função do atendimento de algumas demandas, estabelece na verdade uma barganha:

(...) a história esta aí, de que nós tivemos na verdade uma efetiva barganha. Para a Educação Física vir tem que fechar lá em baixo, abrir salas, fazer não sei o que lá, fazer um pequeno auditório, que esse não dava conta e nós tínhamos uma dificuldade, é melhorar o espaço da Biblioteca, se fizer isso a gente deixa aqui. Nada acadêmico, naquele momento que a Educação Física era ocupação, que não sei o que lá e não valia nada (...) então isso deu uma base, esse convívio, mas aí próprio da contradição da história, mesmo quando se constituiu Departamento o Reitor constrói as salas de Educação Física lá em baixo, constrói um auditório e faz algumas coisas, mas foi tudo na verdade toma lá dá cá. E a Educação Física se instala, e se instala funcionado, (...) (Depoimento, 2006)

Dessa forma, em maio de 1985, inicia-se o processo de transferência do Departamento de Educação Física da Superintendência estudantil para a Faculdade de Educação (FACED), que após justificativas e explicações, em 1986, acolhe o Departamento de Educação Física em sua estrutura, fundando desta feita um novo departamento, o Departamento de Educação Física, ou como ficou notoriamente conhecido, Departamento de Educação III.

Este parece ter sido o passo necessário para a criação de um curso de Educação Física na UFBA, que se constituiria como o primeiro Curso público de Educação Física na Bahia, pois, em março de 1986, a Diretoria da FACED fez publicar a portaria 01/1986, onde constituía uma comissão com função de elaborar um anteprojeto para criação do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física. Faziam parte dessa comissão os seguintes professores: Luis Felipe P. Serpa, Olga Sant'ana, Alcyr Ferraro, Hélio Carneiro de Campos, José Ney Nascimento Santos e Silvestre Ramos Teixeira.

O professor César Leiro (1999) relata que a professora Jandira Simões se sente um pouco mãe do curso e a mesma registra que o clima emergente de rediscussão curricular das licenciaturas da UFBA, que estava sendo liderado pelo competente e compromissado Professor Luis Felipe Serpa, contribuiu para pensar o curso em uma concepção teórica de educação e de escola que se distinguisse de um curso de treinadores de pessoas entendendo, sobretudo, que a escola é um lugar de produção de cultura, de conhecimento, que como tal interfere decisivamente na história cultural da sociedade.

Paralelamente a elaboração do anteprojeto do Curso de Educação Física da UFBA, em abril de 1986, a reitoria determinava a transferência do Centro de Educação Física e Esporte (até então ligado à Superintendência estudantil) para a FACED, sob a responsabilidade do Departamento de Educação Física.

Pronto o anteprojeto, ficou sob a responsabilidade de Dilza Ata Diretora da FACED em exercício, pois a professora Jandira Simões, encontrava-se em licença médica, dar início ao debate junto aos demais Departamentos, no sentido de colher sugestões já que, futuramente teriam participação direta no Curso. Dessa forma, o anteprojeto foi aprovado pela congregação e enviado a Câmara de Ensino de Graduação, em 08 de outubro de 1986, a fim de ser criado o Curso de Licenciatura em Educação Física. Segundo (Ferraro, 1991) tanto o reitor Germano Tabacof, quanto a Diretora da FACED, Jandira Simões, estiveram sempre sensíveis à criação do curso, assim, tiveram o maior empenho em vê-lo concretizado.

Conquista histórica com desencontros pedagógicos

O Curso de Educação Física da UFBA foi aprovado por meio do Parecer N° 425/87 de 16/06/1987, da Câmara de Ensino de Graduação, sendo seu presidente à época o professor José Rogério da Costa Vargens. A indicação era que sua instalação deveria dar-se junto à estrutura da FACED, e oficialmente o Colegiado do Curso foi criado em 25 de setembro de 1987, sendo o seu primeiro coordenador o Professor Alcyrr Ferraro.

O Curso de Educação Física da UFBA criado em 1987, ao que parece norteava-se pela resolução federal N° 69/69, o que o obrigou em seu primeiro ano de funcionamento, em 19 de outubro de 1988, encaminhar à Câmara de Ensino de Graduação uma revisão do currículo do Curso, com fim de adaptar a proposta do Curso à resolução 03/1987 do Conselho Federal de Educação, uma vez que esta não se encontrava em vigor na época da aprovação do mesmo. Portanto, as duas referências básicas, do ponto de vista teórico-filosófico que davam norte ao curso eram: A carta de Belo Horizonte, documento elaborado no Congresso realizado pela Federação Brasileira de Associações de Professores de Educação Física, 1984; e o Seminário sobre Currículo mínimo para a formação de docentes em Educação Física, realizado em 1982.

A Resolução 03/87 do CFE passou a conferir aos currículos a flexibilidade tão reclamada durante a vigência da resolução do CFE N° 69/69, bem como, transferiu a responsabilidade do CFE para as Instituições de Ensino Superior na elaboração da estrutura curricular, passando a vivenciar uma relação pioneira de formação universitária. Esta resolução também modificou, de forma significativa, a carga horária do curso, passando para 2880 horas-aulas, que deveriam ser cumpridas no prazo mínimo de quatro anos, tanto para o bacharelado, quanto para a licenciatura, dando assim um novo modelo para formação profissional em Educação Física no Brasil.

Apesar do flagrante avanço da legislação orientadora do Curso de Educação Física da UFBA, combinado sem dúvida, com a concepção avançada e bem intencionada da comissão que esteve responsável pela elaboração do seu projeto pedagógico, devemos reconhecer que o Curso não deixou de entrar em “armadilhas” e contradições da suposta liberdade e autonomia dos novos currículos da área. A esse respeito, Espírito Santos (1999) é esclarecedor:

É muito provável que os problemas de ordem epistemológica, apontados nos estudos anteriores, não estejam sendo superados pelas medidas adotadas na atual legislação, e que continuem asseguradas as antinomias, os anacronismos e as contradições, no interior dos cursos, que corroboram para um comprometimento sério na formação profissional. (p.32)

Esírito Santo (1999) argumenta ainda que a grande contradição na sistematização do currículo do Curso de Educação Física da UFBA se deu na medida em que um grupo de professores de Educação Física orientados pelo modelo de formação emanado pela ENEFD, se reuniu para elaborar a estrutura das disciplinas, o que convencionalmente chamamos de grade curricular e escrever algumas ementas com previsão de carga horária e créditos.

As palavras de Picanso (2006) são esclarecedoras neste particular:

...na verdade, essa concepção que Olga e Felipe capitaneiam, ela se constitui um fundo depois, por isso essa condição dispersa entre a formulação do elenco de disciplinas e a concepção. Depois de conseguir predominantemente que o curso de Educação Física fosse aceito e se ter a necessidade que não tinha como se aprovar só um rol de matérias (...)

A própria organização do fluxograma no qual as disciplinas encontram-se em três blocos: a área biológica; as áreas da pedagogia e das ciências humanas, e as disciplinas da área desportiva que seriam responsáveis pelas técnicas, indubitavelmente expressam uma concepção fragmentária de produção do conhecimento, e mais, uma concepção cartesiana e reducionista de currículo, configurando-se, como afirma Espírito Santo (1999), como uma camisa de força na formação, retratando claramente a matriz teórica de Educação Física que orientou a formação dos sujeitos históricos envolvidos naquele processo, na medida que divide o ser humano em corpo e mente, baseado no dualismo axiológico de Platão, referência para as primeiras Escolas de Educação Física no Brasil.

A análise do projeto de implantação do curso de Licenciatura em Educação Física da UFBA nos revelou a existência de uma desconexão entre o corpo teórico do projeto com a grade curricular e seu elenco de disciplinas, algo que nos leva a afirmar que um grupo de professores se responsabilizou em escrever a fundamentação teórica do Curso, perfil profissional desejado, concepção, etc., e outro grupo, que provavelmente não atentou para tal fundamentação, propôs um cabedal de disciplinas, que não correspondiam com o profissional que se idealizava formar.

O depoimento da Professora Jandira Simões (2006) é revelador quanto à estruturação do projeto pedagógico do Curso de Educação Física da UFBA: “(...) os professores do departamento da parte de psicologia; esse pessoal trabalhou em função da arrumação dos programas, da colocação dos objetivos; os professores da área de didática e o pessoal de Educação Física com a proposta dos conteúdos”.

Além das dificuldades em articular dentro da equipe de elaboração do projeto pedagógico de Curso, concepções tão díspares de educação e de formação profissional, o curso de Educação Física da UFBA surge e permanece por algum tempo com um quadro docente incompleto, e com níveis de qualificação insuficientes, para dar vazão ao tripé de sustentação de um curso universitário, além disso, manteve de forma inexplicável como requisito para o ingresso um teste de aptidão física, a nosso juízo, desnecessário, pois o objetivo precípua de um curso de licenciatura é a formação de professores e não de atletas. E como se não bastasse, as condições gerais das instalações físicas para o ensino eram, e porque não dizer ainda são deficitárias, a falta de laboratórios era e ainda é flagrante, sem dúvida um impeditivo para o desenvolvimento de atividades de ensino e pesquisa no Curso.

A ausência de sede própria e a necessidade de realização de parcerias para garantir o funcionamento inicial do curso, também foram fatos observados em outras localidades e instituições, como por exemplo: na Escola Superior de Educação Física de Porto Alegre, conforme apontou Goellner, *et al* (2010); na Escola de Educação Física do Paraná (SILVA e CAPRARO, 2011), segundo Vilela e Rocha Junior (2006), o mesmo se deu em Instituições privadas, como a Escola de Educação Física de Volta Redonda, este fato também ocorreu no primeiro Curso de Educação Física da Bahia, o Curso da UCSAL.

Mesmo com tal constatação, percebemos que alguns elementos foram fundamentais para diferenciar em conteúdo e forma o Curso de Educação Física da UFBA com o modelo de formação disseminado até então na Bahia, quais sejam: a) o ambiente em que este curso se abrigou, FACED, onde existe uma multiplicidade de profissionais da área de Educação, algo que permitiu para o recém chegado Curso, perceber com maior clareza como se dá o fenômeno educativo; b) a resolução federal que este Curso teve que atender, 03/87, que por assim dizer, mudava completamente a perspectiva de formação em Educação Física até então preconizada no Brasil; e c) o

clima que vivia a FACED de rediscussão curricular das licenciaturas, dando ao Curso de Educação Física uma possibilidade de experimentar, mesmo com contradições esta trajetória.

O tempo passou; os estudantes da década de 1990 tornaram-se professores, os professores da década de 1990 tornaram-se mestres e doutores e certamente podemos afirmar sem sustos que pelas conjunções de fatores mencionados temos a obrigação de reconhecer que o Curso de Educação Física da UFBA, representou uma conquista histórica, para área no Estado da Bahia, modificando o paradigma de formação profissional, contribuindo para a construção de um ensino de Educação Física que fosse capaz de participar da produção de uma cultura escolar entendida como um tempo e um espaço de conhecer, de provar, de criar e recriar as práticas corporais produzidas pelos homens e mulheres ao longo de sua história cultural.

Espírito Santo (1999) faz um balanço dos dez anos de existência do Curso de Educação Física da UFBA, dando as suas impressões:

Apesar de todos esses desencontros pedagógicos dentro do nosso curso, o que percebemos é que os profissionais de Educação Física que tem saído da UFBA demonstram, e os fatos comprovam isso, uma real competência no trato com o conhecimento na área da Educação, e mais, tem sido aprovada pela vida quando se submetem às diversas formas de avaliação, seja no campo estritamente técnico ou quando encontram professores mais avançados que exigem deles um conhecimento mais contextualizado sobre a matéria em questão... temos professores que conseguem fazer uma releitura do processo e, por conta disso, avançam a ponto de fazer acontecer 'outro curso dentro do curso', ou seja, produzir coisas novas dentro de um sistema que já demonstra visivelmente o reconhecimento da superação dos seus paradigmas (p.180)

Certamente a entrada de alguns professores no Curso, desta feita, a partir de concursos público, mobilizou um clima favorável, no sentido de pensar cientificamente à formação profissional, a partir de outros referenciais teóricos, que balizavam, sobretudo, a chamada parte profissionalizante do Curso, estabelecendo por assim dizer, uma trajetória da Educação Física na UFBA como um campo disciplinar. Este clima foi fundamental para deixar expostas as contradições e o reconhecimento de que a ciência é uma construção permanente.

Como produto desse processo, podemos constatar uma série de iniciativas que caracterizam este novo momento da Educação Física baiana: se considerarmos a atuação dos egressos, podemos perceber que um número significativo buscou com êxito a formação continuada em cursos de pós-graduação *lato-sensu* (especialização), ou *stricto-sensu* (mestrado e doutorado), muitos destes encontram-se hoje como docentes no ensino superior, mais notadamente nas Universidades Estaduais que a partir do final da década de 1990 criaram Cursos de Educação Física. Importante notar que muitos se submeteram tendo conquistado uma aprovação expressiva em concursos públicos para Educação Básica promovidos pelo Estado da Bahia e municípios, além disso, muitos egressos ocuparam cargos estratégicos na Secretária de Educação do Estado, na coordenação de Educação Física e Esporte Escolar e em Diretorias Regionais de Educação. É importante frisar que é no Curso da UFBA que se inauguram os primeiros veículos de comunicação escrito na área de Educação Física na Bahia. Com apoio de alguns professores, mas por iniciativa dos alunos foi criado e difundido inicialmente o jornal O Sedentário, e posteriormente o jornal Reflexão, esses veículos sem dúvida,

serviram de referência para todos que desejavam ver, publicado seus artigos e trabalhos, tornando também um estímulo à produção acadêmica dando consequência a muitos trabalhos apresentados em encontros, simpósios e congressos dentro e fora do Estado da Bahia.

No campo da pesquisa, é importante destacar que muito egressos do Curso de Educação Física da UFBA dirigiram localmente a maior entidade científica da área da Educação Física, Esporte e Lazer no Brasil, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Foi criado o primeiro Núcleo de pesquisa na área no Estado, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer – NEPEL, que inicialmente realizou pesquisas, que inclusive encontram-se publicadas em periódicos da própria UFBA, e que posteriormente ampliou o seu campo de atuação na medida em que foi transformada em uma linha de pesquisa no Programa de Pós-graduação em Educação da FAGED – UFBA. A Linha de Pesquisa em Educação, Cultura corporal e Lazer, que atualmente conta com três grupos de pesquisa vinculados a mesma e mais dois grupos de pesquisa organizados no âmbito na FAGED. Esta atuação no campo da pós-graduação, com a oferta de cursos de especialização, e também oferta de vagas anuais nos cursos de Mestrado e Doutorado em Educação, tem possibilitando aos egressos da UFBA e de outros cursos de Educação Física na Bahia, a sua qualificação acadêmica no próprio Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante enfatizar que este quadro de mudança de mentalidade na lógica da formação profissional em Educação Física na Bahia, coincide com o debate nacional, pois é a partir da década de 1980, que começam a surgir novas tendências para o pensamento científico da área, justificados tanto pelas ideias inovadoras dos brasileiros doutorados no exterior quanto pela criação dos primeiros cursos de pós-graduação no País e a busca por cursos de pós-graduação em outras áreas, sobretudo, das ciências humanas (DAÓLIO, 1998).

O Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UFBA, através da portaria nº 163/96 obteve o seu reconhecimento por parte do Ministério de Educação. Diante disso, além de buscar superar questões de ordem curricular, aliás, uma demanda sempre emergente do referido curso, mas que, em que pese iniciativas dos mais diversos atores, só recentemente, em 2011, o Curso viu concretizado a sua reformulação curricular.

Leiro (1999) destaca que partes dessas iniciativas foram, e em certa medida ainda são patrocinadas de forma autônomas pelo corpo discente do Curso de Educação Física da UFBA, na medida em que registra a disposição sempre crescente de fazer do Curso um espaço afetivo e efetivo de estudo, assim como o esforço do Diretório Acadêmico em assumir o tênue debate em torno dos Encontros Nacionais e Regionais de estudantes de Educação Física, incorporando ao processo de formação as questões relativas à política, à ética e à estética.

Certamente este perfil de Formação Profissional em Educação Física inaugurado pela UFBA no Estado da Bahia, teve influência nos demais cursos já existentes e mesmo nos que foram criados posteriormente, e considerando a análise de tal trajetória em um sentido muito mais exploratório e não necessariamente conclusivo, abrimos margem para que se aprofundem suas análises por meio de novas investigações. Portanto, sem juízos apressados ou prescrições pedagógicas, mas com a clareza de ter

desvendado pontos obscuros, esperamos ter conseguido ter aberto pistas para novas incursões.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2004.
- BRASIL. Conselho federal de Educação: Resolução nº 03, de 16 de junho 1987. *Diário oficial*, (172), Brasília. 1987
- DAÓLIO, Jocimar. *Educação Física brasileira: autores e atores da década de 1980*. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- ESPÍRITO SANTO, F. R. O curso de Educação Física da UFBA: da crítica a formação à formação crítica. In.: *Revista da FACED*, n.2 Universidade Federal da Bahia, 1999
- FERRARO, Alcyr N. *A Educação Física na Bahia: memórias de um professor*. Bahia CEDUFBA, 1991
- GOELLNER, S., *et al.* ESEF 70 Anos: o processo de federalização sob o olhar discente. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 16, n. esp., p. 11-36, 2010.
- LEIRO, A. R. C. Educação Física na UFBA dilemas e utopias. In.: *Revista da FACED*, n. 2 Universidade Federal da Bahia, 1999.
- MEIHY, J.C.S.B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MELO, V. A. de. *ENEFD: uma possível história*. Dissertação de Mestrado em Educação Física. UEC, 1996.
- MELO, V. A. de; ROCHA JUNIOR, C. P. da. Centro de memória da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Porto-Portugal, v. 4, p. 357, 2004.
- PIRES, R.G. *et al.* Memória de Pioneiros da Educação Física: Baianos na ENEFD. Recorde: *Revista de História do Esporte*. Rio de Janeiro, v. 6, N.2, Jun.-dez., p. 1-23, 2013.
- PIRES, R.G; ROCHA JUNIOR, C. P; MARTA, F. E. F. Primeiro Curso de Educação Física na Bahia – Trajetórias e Personagens. In.: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 36-1, jan./mar., 2014.
- PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n.14, p.25-39, fev. 1997.
- SILVA, M.M; CAPRARO, A. M. O contexto de fundação da Escola de Educação Física e Desportos do Paraná: educando corpos para a vida urbana. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 623-636, jul. /set., 2011.

VILELA, S.; ROCHA JUNIOR, C. P. da. Memórias do curso de Educação Física de Volta Redonda: da criação à regulamentação. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v.2, n.1, janeiro/junho, p.23-38, 2006.

Recebido em: 15/06/2015

Aprovado em: 24/06/2016